

**Sobre dicotomias e oposições, dorme o hermafrodita****On dichotomies and oppositions, sleeps the hermaphrodite**

DOI:10.34117/bjdv6n10-564

Recebimento dos originais:08/09/2020

Aceitação para publicação:26/10/2020

**Rivaldo Júnior da Silva**

Médico pela Universidade Federal de Campina Grande

Médico do Programa Mais Médicos do Ministério da Saúde

Endereço: Rua Antonio Medeiros Sobrinho, 30. Bairro Cabaceira. CEP:55.750-000. Surubim-PE

E-mail:rivaldojuniorsilva@gmail.com

**Gabriel Vasconcelos de Lima**

Médico pela Universidade Federal de Campina Grande

Residente em Medicina da Família e Comunidade pela Secretaria de Saúde de Campina Grande

Endereço:Rua Rodrigues Alves, 1125. Bairro Bela Vista. CEP: 58.428-795. Campina Grande –

PB

E-mail: gabriel\_vlima@hotmail.com

**Jairo Porto Alves**

Aluno de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da universidade Estadual da Paraíba

Endereço:Rua Baraunas, 351. Bairro Universitário. CEP: 58.429-500 .Campina Grande – PB

E-mail:jairosobreira@gmail.com

**Edmundo de Oliveira Gaudêncio**

Doutor em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba

Professor do curso de medicina da Universidade Federal de Campina Grande

Endereço: Rua Profa. Dulcelina Falconi de Carvalho, 155. Bairro Cruzeiro. CEP: 58.415-695Campina Grande- PB

E-mail: edmundogaudencio@hotmail.com

**RESUMO**

O conhecimento proposto pela medicina, embora fundamentalmente voltado à compreensão do homem, colide na falta de espaço para além das dicotomias impostas pelo saber científico. Entre homens e mulheres, masculino e feminino, a dualidade e categorização do método científico não deixa espaço para se discutir as variantes possibilidades de transgressão da “norma”. Assim, inspirados pelo conceito deleuziano de dobra, construímos uma análise voltada ao meio termo desta polarização: sobre a obra Hermaphrodite Endormi, nosso argumento corrobora a tese de que, muito mais que opostos, somos opostos que se interpenetram mutuamente a cada instante.

**Palavras-chave:** Medicina, Hermafroditismo, Transexualidade.

**ABSTRACT**

the knowledge proposed by medicine, although fundamentally directed to the understanding of man, collides in the lack of space beyond the dichotomies imposed by scientific knowledge. Between men and women, male and female, the duality and categorization of the scientific method does not leave room to discuss the variant possibilities of transgression of the "norm". Thus, inspired by the Deleuzian concept of bending, we have built an analysis focused on the middle term of this polarization: on the work Hermaphrodite Endormi, our argument corroborates the thesis that, much more than opposites, we are opposites that mutually interpenetrate at every moment.

**Keywords:** Medicine, Hermaphroditism, Transexuality.

**1 INTRODUÇÃO**

O discurso médico e sua laboração contextual, assim como a forma de conhecimento que veio sendo produzida desde a idade moderna, sustenta-se na dicotomia imposta pela relação dual de encarar-se a realidade. O princípio da não-contradição aristotélica se perpetua dentro do sistema padrão de conhecimento, ditando que as únicas possibilidades de existência se concentram entre aquilo que se é e aquilo que não se é. Dentro disso, a medicina, criadora de categorias e classificações, define em seus métodos os possíveis enquadramentos para a compreensão do homem, transformando o indivíduo em um número, que possa ser medido por sua régua.

Dito isto, é possível deduzir que as questões de gênero e sexualidade, embora extremamente complexas e individuais, são ainda superficialmente analisadas quando abordadas pela perspectiva do conhecimento médico. Nosso propósito a partir deste ensaio é evidenciar como o saber médico e a divisão binária macho-fêmea, que ele absorve, se contradiz e se perde na tentativa de compreender as diversas questões de gênero e sexualidade. Tomamos por base a obra de escultura "Hermaphrodite endormi" para construir nossa explanação crítica, e de certo modo até poética, sobre as contrariedades do discurso médico e do distanciamento desse saber à compreensão total do indivíduo.

**2 METODOLOGIA**

A construção do presente ensaio dá-se pela análise direta e contextual das referências citadas, entre livros, artigos, revistas e outros meios de veiculação de dados, para a elaboração do seu argumento e de sua dissertação. Trata-se de um ensaio científico, com base na pesquisa em andamento do grupo discussão sobre sexualidades e identidades de gênero do curso de medicina da Universidade Federal de Campina Grande.

**3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Disposta à apoptose:

Sonha toda lagarta

Viver a metamorfose.

Antes de mais nada, é preciso considerar que o conhecimento formulado na era pós-moderna caminha de acordo com as compreensões dos postulados formulados ainda à base do Iluminismo. Contruído a partir de Discurso do Método (DESCARTES, 2006), bebendo das bases positivistas e construtivistas, o método científico desenha os padrões de observação do universo e dos fenômenos, de modo que tudo que possa ser provado é verdadeiro e certo. Ainda assim, para que caiba no método, estes mesmos fenômenos e o próprio universo precisam ser categorizados em classes e distribuídos em “universos de estudo” menores e mais controláveis. A visão objetiva das coisas e do homem transforma-o não apenas no centro produtor do conhecimento, antropocentrismo (do grego *anthropos*, "humano"; e, *kentron*, "centro"); mas também em matéria-prima para a elaboração desta nova ciência, antropofagia (do grego *anthropos*, "homem" e *phagein*, "comer"). E a medicina moderna estabelece seus postulados a cima desta compreensão: são os homens também categorias de grupos e vieses determinados dentro do conjunto maior. Estabelece-se, assim, os parâmetros de estudo nos quais se baseiam o método científico médico. Determina-se os padrões de normalidade, as curvas estatísticas, as variantes da média; e, por conseguinte, descreve-se como sendo anormal tudo aquilo que foge a regra.

Os próprios conceitos básicos de masculino e feminino seguem essa tendência. Se primariamente a presença do órgão genital masculino ou do órgão genital feminino já determinava os padrões sexuais dos indivíduos, é na descoberta dos fatores genéticos e cromossômicos, alicerçados nos estudos de Bridges no início do século passado, que a ciência encontra o conforto numérico para estabelecer seus critérios de sexualidade (BUTLER, 2003).

Todavia, a complexidade do homem vai além das categorias biológicas que a definem. O meio termo entre macho e fêmea, entre masculino e feminino e entre homem e mulher, principalmente se analisados dentro de uma perspectiva que abrange não apenas o contexto biológico, mas também o social, psicológico e espiritual, nos leva a perceber as falhas desse sistema de categorização, onde tudo aquilo que não se enquadra nos extremos, ou não é visto, sendo, pois, ignorado, ou é olhado com preconceito e discriminação. Assim, os novos conceitos de identidades trans submergem ao alcance da prática médica. E para que estes conceitos sejam compreendidos, é importante estabelecer uma cartografia em cima das considerações que eles correm. Destarte, podemos considerar uma primeira divisão, entre identidade de gênero e orientação sexual.

Determina-se identidade gênero a forma como o indivíduo se identifica internamente, podendo este ser cis-gênero, quando assume a identidade correspondente ao seu sexo biológico, ou transgênero, as pessoas que não se identificam com o gênero que lhes foi determinado biologicamente. Já o indivíduo transexual, sente que o seu corpo não está adequado à forma como se reconhece e para isso faz alterações, adequando seu corpo à imagem de gênero que têm de si. É preciso fazer uma diferenciação entre o termo transexual e o termo travesti, sendo este último relativo às pessoas que vivenciam papéis de gênero feminino, mas não se reconhecem como homens ou como mulheres, mas como membros de um terceiro gênero ou de um não-gênero. À pessoa que não se identifica em nenhuma identidade ou expressão de gênero, dá-se o nome de queer, Ainda assim, aplica-se a estes conceitos a determinação da funcionalidade que esta identidade discordante traz para o sujeito, representado por crossdresses (um termo relacionado a homens heterossexuais, que vivenciam diferentes papéis de gênero, sem que haja, todavia, a necessidade de reconhecimento deste gênero) e drag queens/drag king (que vivenciam a inversão como diversão, entretenimento e espetáculo, não como uma identidade) (JESUS, 2012).

Cabe-nos ainda determinar a conceitualização dos parâmetros vinculados à orientação sexual, sendo esta, independente de sua identidade de gênero, a atração afetivo-sexual por alguém. Quando esta atração dá-se por alguém de gênero diferente à identificação própria, diz-se heterossexualidade. Em contrapartida, a homossexualidade define-se pela atração afetivo-sexual por alguém de mesmo gênero. A bissexualidade compreende a atração afetivo-sexual por pessoas de qualquer gênero, já o assexual é aquele que não sente atração afetivo-sexual por pessoas de nenhum gênero.

Mesmo desenhando-se os conceitos e a trama de possibilidades entrelaçada entre aquilo que se é, aquilo que se percebe e aquilo que se deseja ser; o que construímos, na verdade, são definições e novas classificações dentro desta temática, mesmo que nosso intuito inicial tenha sido desfazer as velhas categorias já impostas. Compreender assim, as múltiplas formas de identidade corporal e de gênero, é um trabalho que não se resume ao estudo de populações e semelhantes, mas fundamentalmente ao estudo do indivíduo, sendo este produto e produtor de conceitos.

“Quando o homem atribuía um sexo a todas as coisas, não via nisso um jogo, mas acreditava ampliar seu entendimento: - só muito mais tarde descobriu, e nem mesmo inteiramente ainda hoje, a enormidade desse erro. De igual modo o homem atribuiu a tudo o que existe uma relação moral, jogando sobre os ombros do mundo o manto de uma significação ética. Um dia, tudo isso não terá nem mais nem menos valor do que possui hoje a crença no sexo masculino ou feminino do Sol.” (NIETZSCHE, 2008, p. 27.)

E dentro desses contextos, entre segregar e associar, cabe-nos talvez um conceito reparador: o conceito da dobra. A dobra, segundo Deleuze, é o limite entre aquilo que se conhece e sua representação, é a distância entre o sujeito e o que está além do sujeito, é o oposto entre o interior e o que se exterioriza. Ainda assim, tal qual a banda de Moebius, toda dobra, embora dividida, também aproxima, ela representa em sua continuidade a coesão substancial do dobrado, aproximando os opostos em sua própria matéria. Usamos de Rosane Neves da Silva para melhor explicar esta contrução:

“A dobra deleuziana é a curvatura ou a inflexão destas linhas infinitamente móveis, que percorrem o plano de imanência cuja superfície é povoada por singularidades anônimas e nômades. A dobra exprime a desaceleração deste movimento infinito, produzindo a convergência das singularidades em um dado momento, criando assim um dentro que é coextensivo ao fora, e que é a condição para que um mundo comece. A dobra é, portanto, a expressão de um mundo possível.” (DA SILVA, 2004, p.6.)

E, sustentados pela qualidade da dobra de se transcorrer entre opostos, podemos analisar a questão da transexualidade e da transgeneralidade com uma plasticidade de visão, muito diferente da preconizada pela medicina. Transcorrer o limite entre macho e fêmea, apresentando nos contextos social e individual novas possibilidades de reconhecimento, permite uma melhor sensibilização para estas questões.

Apresentamos a seguir a escultura (Imagem 1) denominada Hermaphrodite Endormi. Tal obra foi descoberta em Roma, em 1608, sendo uma das obras mais admiradas da coleção do cardeal Borghese, que em 1619 solicitou ao escultor barroco Bernini a complementação da peça, com a implementação de um colchão esculpido em mármore. Trata-se da representação do personagem da mitologia grega Hermafrodita, filho do deus Hermes e da deusa Afrodite, respectivamente Mercúrio e Vênus para os romanos. Segundo a mitologia, o jovem Hermafrodita é cortejado luxuriosamente pela ninfa Salmacis que, rejeitada pelo rapaz, pede a Zeus a união de seus corpos, num casamento corporal entre os gêneros. Assim, o jovem Hermafrodita passa a ter um corpo de contornos femininos, porém mantido seu órgão genital masculino. Isto, na essência mais sutil da interpretação do mito, reverbera a transgressão proposta dentro das discussões de gênero, em contrapartida aos opostos admitidos pelo conhecimento científico. Delicadamente, Hermafrodita repousa em seu sono sobre o colchão de Bernini, porém, seu órgão genital quase não exposto, desconcentra quem avalia e prejudica aquela corporatura feminina. Outrossim, o sossego do Hermafrodita nos parece quebrado pela leve flexão que seu joelho esquerdo demonstra. Propositalmente? Poderíamos nos perguntar, uma vez que essa mesma flexão que incomoda o sono do Hermafrodita deixa à mostra aquilo que foge a regra: um órgão sexual masculino associado a uma conformação corporal feminina. Se é o

Hermafrodita que dorme sobre suas próprias ambiguidades de gênero, quem o assiste em seu sono desperta para o questionamento que o ser de intersexualidade propõe. Já que o Hermafrodita traz em si tanto caracteres corporais masculinos como femininos, confronta-se à ciência médica a elaboração de um parecer a cerca da determinação sexual deste. Porém, assumimos, neste momento, a indagação proposta por Foucault:

“Interessa à ciência a identificação do verdadeiro sexo do hermafrodita; interessa descrever e classificar as perversões, marcando os sujeitos na ordem das anomalias sexuais, ele é e aquilo que o determina; e se durante séculos acreditamos que fosse necessário esconder as coisas do sexo porque eram vergonhosas, sabemos agora que é o próprio sexo que esconde as partes mais secretas do indivíduo: a estrutura de seus fantasmas, as raízes de seu eu, as formas de sua relação com o real. No fundo do sexo, está a verdade.” (FOUCAULT, 1982, p. 3.)

Contudo, estar fora à regra ainda é, no século XXI, patologizado pela medicina. Transforma-se, então, aquilo que não se enquadra nos parâmetros normais, em transtornos de identidades sexuais e de gênero, cabendo então um registro na Classificação Internacional de Doenças, que lhes identifica. Isso ignora não só a complexidade das estruturas subjetivas do indivíduo, como também o maltrata e o discrimina, resumindo sua singularidade a um código. Por não se adequar ao binarismo biologicista de diferenciação entre sexos, é criado para o Hermafrodita uma classificação inespecífica dentro dos transtornos de sexualidade.

A dobra feita entre esses pólos, macho e fêmea, tem no hermafrodita sua concretização. Aquele que ao mesmo tempo estando à parte da classificação, vive em si mesmo as duas possibilidades de existência e a interpenetração destes mesmos opostos. A dobra também representa a liberdade de poder assumir a real identidade de gênero, bem como transgredir os padrões da heteronormatividade a fim de buscar a descoberta das possíveis e diferentes sexualidades. Diz Foucault sobre a necessidade humana de encontrar sua sexualidade e de ter a liberdade de nela poder se expressar e ser acolhido:

“A sexualidade faz parte de nossa conduta. Ela faz parte da liberdade em nosso usufruto deste mundo. A liberdade é algo que nós mesmos criamos — ela é nossa própria criação, ou melhor, ela não é a descoberta de um aspecto secreto de nosso desejo. Nós devemos compreender que, com nossos desejos, por meio deles, instauram-se novas formas de relações, novas formas de amor e novas formas de criação. O sexo não é uma fatalidade; ele é uma possibilidade de aceder a uma vida criativa.” (FOUCAULT, 2004, p. 260.)

#### **4 CONCLUSÕES**

Discorrer sobre as sexualidades e as variadas manifestações de gênero, principalmente em um ambiente tão categórico e analítico como o conhecimento médico, ainda tem sido bastante

relutante e de difícil aceitação dos conceitos, uma vez que o próprio método científico, no qual se baseia a medicina, impõe paradigmas e classificações que vão além da compreensão individual do sujeito. Enquanto isso, hermafroditas, transexuais, transgêneros e travestis continuam à espera de alguém que lhes compreenda, lhes aceite e lhes possibilite o respeito e a aceitação por serem o que são.

Mil faces, uma faceta:

Sair de seu casulo

Vivendo borboleta.

**REFERÊNCIAS**

- BUTLER, J. Problemas de Gênero. Feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DA SILVA, R. N. A dobra Deleuziana: políticas de subjetivação. Rev. Dep. Psicol., Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 55-75, 2004.
- DESCARTES, R. Discurso do Método. São Paulo: Escala, 2006.
- FOUCAULT, M. Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- FOUCAULT, M. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. Verve, [s.l.], v.5, p. 260-277, 2004.
- JESUS, J. G. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. Brasília, 2012.
- NIETZSCHE, F. Aurora: Reflexões Sobre os Preconceitos Morais. São Paulo: Escala, 2008.
- MUSÉE DU LOUVRE. Hermaphrodite endormi. Département des Antiquités grecques, étrusques et romaines: Art hellénistique, 2011. Disponível em: <http://www.louvre.fr/oeuvre-notices/hermaphrodite-endormi>. Acesso em 01 de maio de 2016.



**ANEXO**

(Imagem 1.)

